



Editorial



A produção das histórias de vida no âmbito da teologia latino-americana tem se pautado por meio da educação popular, que se traduz com a pesquisa participante (ou investigación-acción participativa), sua maior parceira epistemológica. Além desse rico aporte teórico e metodológico, outros que sempre estiveram misturados a esse compõem cada vez mais densidade. Esse é o caso das pesquisas (auto)biográficas. E é nesse recorte que produzimos esse dossiê.

O método (auto)biográfico entra em cena para aprofundar o diálogo entre experiências e produção teológica.

No Brasil, esse método foi disseminado primeiramente na área da educação por meio do I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, realizado em Porto Alegre, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2004. Os estudos (auto)biográficos são cada vez mais frequentes em instituições de ensino e pesquisa e têm contribuído para tirar da invisibilidade experiências, trajetórias, saberes, conhecimentos que perfazem os percursos formais, não formais e informais, especialmente o percurso das mulheres. Oriunda de um processo lento de reconhecimento como parte das ciências humanas, a pesquisa (auto)biográfica chega, no início deste século 21, como um campo consolidado de pesquisa na área da educação.

Em 2016, no III Congresso Internacional de Teologia da Faculdades EST, realizou-se o simpósio intitulado Gênero e Religião. Nele, refletiu-se sobre a metodologia (auto)biográfica como um dos modos de apresentar a experiência na forma de conceito no estudo das histórias de vida das mulheres. Em diálogo com a teologia e as ciências da religião, o dossiê “Educação e narrativas (auto)biográficas” contempla os estudos (auto)biográficos na perspectiva interdisciplinar. Num diálogo com gênero, teologia, feminismo, religião, as suas produções anunciam a busca por relações mais justas e denunciam os paradigmas patriarcais, androcêntricos, sexistas, machistas, presentes no cotidiano.

Eliane Godinho e Márcia Alves da Silva apresentam o artigo Pesquisa biográfica com mulheres assentadas artesãs. Nele, desenvolvem a aproximação entre a educação popular e o feminismo. O texto aborda as trajetórias de vida de mulheres assentadas do Movimento Sem Terra do sul do Brasil. Utiliza a produção artesanal como forma de produção da pesquisa e de problematização da categoria trabalho. A análise da opressão de gênero no mundo do trabalho fomenta a consciência crítica e política na construção de uma pedagogia feminista.

O artigo intitulado La experiência como categoria epistemológica en relatos autobiográficos. Una mirada de género, de María Del Socorro Vivas Albán, analisa a categoria experiência como validação do conhecimento produzido pelas mulheres. O recorte temático das experiências é feito a partir da filosofia, da teologia e da religião – âmbitos significativos de invisibilização das experiências das mulheres.

O amor é o tema do ensaio de Lúcia Maria Vaz Peres e Rose Mary Kerr de Barros, intitulado O amor de Outono: Uma narrativa (auto)formadora em rodas de conversa de professoras. As autoras analisam como uma professora realiza a busca do caminho para si, por meio de significações que ela foi dando a um conto produzido nas rodas de conversa.

Magda Guadalupe dos Santos apresenta o artigo O desejo em Simone de Beauvoir e em Judith Butler: Um modo interrogativo de ser, onde analisa os referenciais teóricos das duas pensadoras, suas diferenças e suas “parecenças” num delicioso jogo de fazer-nos imaginar o que seria o desejo para cada uma tendo filósofos como Hegel nas suas bases argumentativas.



Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas é o artigo de Márcia Regina Becker e Carla Melissa Barbosa. Nele, as autoras trazem o conceito de sororidade e o de experiências de vida e formação na busca por (re)pensar a postura ética e política como caminhos metodológicos em pesquisas científico-acadêmicas realizadas com/entre mulheres.

Paloma Nascimento dos Santos assina o artigo Solidão em narrativa: análise de uma (auto)biografia de mulher nas ciências a partir de Marcela Lagarde. Ao estudar o conceito de solidão em Lagarde, ela retoma o (auto)biográfico de Marie Curie e, simultaneamente, por ser uma estudiosa do campo das ciências, revela pistas para uma análise do que ainda é produzido no mundo “da ciência”.

Thayane Cazallas do Nascimento e Douglas Rosa da Silva discutem O ser múltiplo a partir do ponto clímax da (auto)biografia, e argumentam que narrar o ser reflete a si mesmo. No texto, são apresentadas uma revisão bibliográfica do tema em questão e uma discussão sobre o que é na educação que se produz a mediação dos processos de (auto)formação.

Em Reflexos da nacionalização do ensino (1938) e da Segunda Guerra Mundial na história de vida de Anneliese, Claudete Beise Ulrich analisa na narrativa (auto)biográfica, pontos de fuga e resistência, elementos reveladores da produção de uma identidade profissional como docente em terras brasileiras.

Em A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora, Maria da Conceição Passeggi tece considerações sobre narrativa e narração, situando o interesse pela narrativa no que se convencionou chamar de “giro linguístico” ou “giro discursivo” e, em seguida, apresenta princípios e direcionamentos da pesquisa (auto)biográfica para uma hermenêutica descolonizadora. No texto, a autora aborda também a travessia do sujeito epistêmico ao sujeito autobiográfico, que se constitui na linguagem e no exercício da reflexividade narrativa, suscetível de promover a consciência crítica da nossa historicidade.

Os relatos de experiências presentes nessa edição dialogam diretamente com a experiência didático-pedagógicas de fazer aulas e pesquisa. Desafiam estudantes a pensar nos seus processos formadores. Em Quando o bordado e as histórias das mulheres se encontram, Marli Brun e Marcia Blasi dão visibilidade a diferentes movimentos realizados por e com bordadeiras, os quais compõem os processos de preservação cultural do Wandschoner (pano de parede bordado artesanalmente) em Ivoti-RS e de desenvolvimento de uma pesquisa que relacionou narrativas (auto)biográficas e o bordado artesanal.

O texto de Edla Eggert e Angela Hagger Trejo, intitulado Uma experiência de integração e cooperação: quando o tema de gênero implica uma pesquisa (auto)biográfica, remete a um intercâmbio feito no México junto ao Seminário Luterano de Ausburgo no curso de graduação em Teologia. E o texto de Maritza Macín é um dos relatos produzidos sob o impacto das leituras e vivências produzidas durante aquele semestre.

As resenhas desse número também retomam aspectos que articulam experiências de histórias coladas ao caminho que narra de si, em processos infundáveis do aprender a ser. Na resenha intitulada Corpos que (ainda) escapam, Carlos Henrique Lucas Lima apresenta o livro de Marcio Caetano, Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação, publicado pela Appris. Afirma que a obra flerta com a escrita literária, problematizando a produção e os sentidos dados às sexualidades e ao gênero por meio das tecnologias escolares, em especial, os currículos. Finalmente, Cristóvão Pereira Souza apresenta a resenha da obra Biografia e educação: Figuras do indivíduo-projeto de Cristine Delory-Momberger. O livro abre a coleção “Pesquisa (Auto)Biográfica e Educação”, sob o selo conjunto da EDUFRRN – Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Editora Paulus, estando, no momento, na segunda edição, reiterando sua relevância nesse campo de pesquisa.

O dossiê é finalizado com a entrevista realizada por Marcia Blasi com Monica Wittenberg, contadora de histórias e ativista contra o apartheid e pela justiça na África do Sul.

Edla Eggert
Marli Brun

São Leopoldo, dezembro de 2016.